



A educação humanitária dos *kibutzim* para a construção polifônica e ética da nação em *Uma certa paz*, de Amós Oz

The humanitarian education of *kibbutzim* for the polyphonic and ethical construction of the nation in *A Certain Peace* by Amos Oz.

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiás, Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: Trataremos, nesse breve estudo, de relações intergeracionais (Mannheim, 1982) que ocorrem no *kibutz* Granot, ficcionalizado por Amós Oz no romance *Uma certa paz*. Ao lado desse panorama analítico, trataremos também das relações de coexistência (Bauman, 2007; 1998), tanto no plano micro, quanto no plano macroestrutural da vida pioneira, bem como em seus reformismos, do programa *kibutziano*, que molda a sociedade israelense na procura da efetivação dos direitos humanos equânimes para seu povo e para os demais povos que vivem em seus campos fronteiriços.

Palavras-Chave: Amós Oz. *Uma certa paz*. Intergeração. Direitos humanos.

Abstract: This brief study will address intergenerational relationships (MANNHEIM, 1982) that occur in Kibbutz Granot, fictionalized by Amos Oz in the novel *A Certain Peace*. Alongside this analytical overview, we will also address the relationships of coexistence (Bauman, 2007; 1998), both at the micro and macrostructural levels of pioneer life, as well as its reforms, within the kibbutz program, which shapes Israeli society in the pursuit of the realization of equitable human rights for its people and for other peoples living in its border areas.

Keywords: Amos Oz. *A certain Peace*. Intergenerational. Human rights.

* Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).



Introdução

Publicado em 1982, o romance *Uma certa paz*¹, de Amós Oz,² remonta a época da Geração Sabra³ e tenta fazer um balanço dos ganhos e perdas de certo romantismo sionista que perpassa os tempos de formação do Estado de Israel, persistindo ainda muito de seus valores em nossa contemporaneidade. Sua narrativa se desenrola nos anos de 1965 a 1967, acompanhando ações dramáticas no *kibutz* de Granot, ao norte do atual estado, quase em fronteira com a Síria.

A narrativa tratará, sob perspectiva da constituição familiar e da nação, do jovem Yonatan Lifshitz, de 26 anos, em sua procura existencial que é impulsionada para compreender os móveis fatalísticos e discursivos de sua personalidade, da formação de sua família, das engrenagens de seu *kibutz*, e, sobretudo, dos mecanismos socioculturais que mantém as linhas divisórias de seu estado.

O romance se inicia com um dado que nos instiga a pensar sobre a natureza da condição sedentária, talvez um de nossos ganhos civilizacionais maiores, e da condição diaspórica, um dos marcadores dialéticos da condição humana. Vejamos:

Um dia um homem se levanta e muda de um lugar para outro. O que ele deixa atrás de si fica para trás e só lhe vê as costas. No inverno de 1965, Ionatan Lifschitz resolveu abandonar sua mulher e o *kibutz* onde nascera e crescera. Decidiu sair e começar uma nova vida.⁴

Este estudo seguirá uma discussão sobre a produção discursiva e subjetiva que se faz aos espaços que são determinados e, ao mesmo tempo perfazem os sujeitos que são seus agentes psicossociais. A ideia da formação e desenvolvimento da nação será observada naqueles instantes em que se confronta os espaços amplamente já historicizados, frente aos desejos de se fundar como identidade nos espaços que ainda

1 O título do romance em hebraico e em inglês é *Uma paz perfeita*, sendo talvez uma alusão a contexto fúnebre, a um determinado estado final de uma instituição, tal qual a do *kibutz*, e seus derivativos. O título em português, no entanto, demonstra certa possibilidade de valorização positiva de alguns aspectos desses planos *kibutzinianos* iniciais e sua evolução possível, sendo, pois, mais otimizador.

² Sobre o escritor e, particularmente sobre o romance em questão, acompanhamos, por vezes, algumas hipóteses de leitura de Cordeiro (2025); Cozer (2025); Maia (2011); Neto (2015); Powell (2025); e Rodrigues (2025).

³ Para Neto (2016, p. 98) “Os limites temporais da geração sabra são fixados geralmente entre 1930 e 1960, isto é, trata-se de um grupo de pessoas cujos anos de formação coincidiu com os anos de formação da nova sociedade israelense”.

⁴ Oz, 2010, p. 7.



estariam disponíveis para novas colonizações, sejam ela de cunho geográfico, sejam elas de cunho psíquico.

Em seguida, refletiremos sobre os conflitos intergeracionais que uma sociedade ontologicamente enfrenta para garantir seu futuro equilibrado; sendo que no romance em questão, a voz narrativa polifônica parece nos indicar que a melhor solução seria aquela na qual se vislumbra e se efetiva a dinâmica da compreensão empática com as tantas alteridades que montam o quadro multiétnico da região que envolve israelenses de várias gerações, bem como palestinos de várias gerações.

Por fim acompanharemos uma espécie de proposta de estratégias pacifistas, sejam no âmbito da família da personagem protagonista, seja, e principalmente, no âmbito dos movimentos políticos e socioculturais pertinentes à formação e consolidação do Estado de Israel frente à sua vizinhança árabe e palestina. Para tanto abordaremos, mesmo que de modo indireto, elementos do pensamento ecocrítico, seja no campo da ecologia ambiental, da mental e da social.⁵

Espaço liso e espaço estriado na construção, manutenção e transformação da nação

No capítulo sete de *Uma certa paz*, acompanhamos a tentativa de escrita de uma longa carta feita por Iulek Lifschitz que seria endereçada ao Primeiro Ministro Levi Eshkol, companheiro das primeiras lutas pioneiras pela formação do estado. Nessa carta temos reflexões sobre a longa, plena e contraditória amizade entre ambos, certo balanço das utopias que os moveram a construir suas vidas ao dispor pleno da nação,⁶ a situação atual do estado de Israel prestes a enfrentar a Guerra dos Seis Dias, a nova situação diaspórica⁷ que toma conta do ideário da juventude, a tentativa de reeducar o filho

⁵ Sobre o contexto existencial amplo e complexo no qual o sujeito, natural, pessoal e coletivo, está colocado, visto sob ótica ecocrítica, acompanhamos Félix Guattari (1990), que nos fala sobre as três ecologias conformadoras que são pensadas pela ecologia mental, pela ambiental e pela social.

⁶ Consideramos nação como um construto mais discurso que propriamente de concretude física natural. Nisso, seguimos Anderson, 1989, ensinando-nos que: “Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada — e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é *imaginada* porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”. (Anderson, 1989, p. 16).

⁷ Por diáspora, compreendemos com Stuart Hall, tanto em seu aspecto político, quanto geográfico, quanto também no de modelização psíquica e cultural. Para ele: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em



Yonathan no ideário *kibutziano* clássico, a crença de que o estrangeiro Azarias poderia reencaminhar as transgressões de seu filho, entre outros temas. Destes temas, um dos mais instigantes é aquele pertinente a condição diaspórica que o velho secretário percebe na juventude, bem representada pela vontade de abandonar sua comunidade sentida pelo filho Ionatan.

Um dos princípios básicos do *kibutzismo*⁸ é colocado no aspecto da chegada de variados tipos humanos, e de variados territórios, que tenham as mesmas crenças e necessidades, bem como de sua acolhida igualitária, e da ordenação das atividades coletivas para se cultivar certa terra supostamente nunca antes cultivada, para a instalação de uma nova e possível sociedade. Tal cultivo, tanto da terra quanto do homem, é responsável pela modalização das novas fronteiras dos territórios que se consolidam e dos quais se mantém domínio coletivo por sua etnorraça.

E quando tais planos libertários e desterritoalizantes não são assumidos pela maioria dos envolvidos na empreitada sociopolítica, a ação de novas partidas se coloca em curso, como é o caso de Ionatan. Vejamos o que ocorre, de modo reiterado na narrativa, com o jovem protagonista frente à contradição entre a atmosfera de progresso estatal e a sensação de falência de suas instituições estatais, representada pela funcionalidade que lhe seria disfuncional, do *kibutz*:

toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão.” (Hall, 2003, p. 28).

⁸ O *kibutzismo* supõe a factualidade da estrutura completa dos *kibutzim*. O *kibutz* é um bem-sucedido dispositivo social, de natureza israelense, que de fato transforma a utopia social da vida coletiva rural em realidade pragmática. É uma ainda constante opção de vida para agentes sociais que possuem a compleição da produção de variados bens (agropecuários, industriais, artísticos, pedagógicos, místicos, de serviços, entre tantos outros) para a sua própria manutenção, bem como para a manutenção das demais cidades conformadoras do estado israelense. Sua base mais importante é o trabalho coletivo e a distribuição equânime dos resultados de suas produções, bem como esmerada atenuação dos valores individualistas, que norteiam outros modos de produção e posse de bens de produção. Um pilar importante para tal dispositivo social vem dos seus modelos de educação, pois sabendo da necessidade da assimilação de valores, conhecimentos e práticas a serem exigidos desde a infância em contextos educacionais formais e informais, os dirigentes e membros valorizam muito tal instituição de formação das pessoas para manterem determinadas territorialidades, sejam geográficas ou psicossociais. Sobre a natureza do *kibutz*, ainda seguimos: Couto (2004); Buber (1987); Bulgarelli (1966); Morashá (2025); Neto (2015); Santana (2017); e Shulman (2025);



Em seu pensamento, Ionatan buscava um lugar diferente, que lhe fosse adequado, uma nova possibilidade de trabalhar no que quisesse e de descansar sem estar cercado de gente. Seu plano era viajar para tão longe quanto possível, para um lugar que não se parecesse com o kibutz, que não se parecesse com os acampamentos do movimento juvenil ou com as bases do Exército, ou com as pousadas das excursões ao deserto, que não se parecesse com as estações de carona nas encruzilhadas, castigadas pelo vento do deserto. [...] Uma súbita conquista, amor, perigos, estranhos encontros.⁹

Ir para um lugar diferente, trabalhar na função desejada, ficar sozinho quando quisesse, são dos desejos um tanto individualistas que o jovem Ionatan sentia avolumar-se diante das rigorosas diretrizes programáticas estabelecidas pelos sabras pioneiros. “Uma súbita conquista, amor, perigos, estranhos encontros” conquistados por seus próprios planos e afecções parece ser o alvo maior para sua formação como agente social libertário perante os tantos anos de submissão aos ideais comunitários que aprendera em Granot. Temos, pois, uma vida que se insurge ao destino que lhe fora formulado de modo implacável.

Ao menos, aparentemente, é o que notamos nessa busca que esse jovem protagonista possui por espaços lisos, quando pensamos o fenômeno da territorialidade sob perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para esses dois pensadores da formação de subjetividades identitárias, entre outros tantos temas, os territórios existenciais seriam marcados pelos espaços lisos e pelos estriados. Para eles, teríamos:

O espaço liso e o espaço estriado, — o espaço nômade e o espaço sedentário, — o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, — não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente.¹⁰

O espaço liso seria a dimensão aberta, ambígua e amorfa, gerando possibilidades de desvios e movimentos sem marcações rígidas, ocasionando múltiplos desvios, semelhantes ao do deserto e do mar. O espaço estriado seria delimitado, organizado e segmentado por vias, fronteiras e linhas que o tornam mais homogêneo e previsível, como uma urbe ou uma rede de estradas. Essas noções de espaço liso e estriado tentam

⁹ Oz, 2010, p. 9.

¹⁰ Deleuze; Guattari, 1997, p. 157-158.



descrever distintas formas de apreensão e organização do espaço, não sendo absolutos e si mesmo, porém tendendo a se transformar um no outro. Mesmo que isso ocorra, a tendência do poder de conformação parece ter primazia do espaço estriado, devido a sua grande e forte força de converter o espaço ainda não antropologizado em espaço antropologizado, com sua densa carga histórica demarcadora e determinante.

Há toda uma dialética entre a espacialidade lisa e a estriada em *Uma certa paz*. E ela é representada basicamente pela transgressão às leis, efetivada pelo jovem Ionatan Lifschitz, que desde o início da narrativa romanesca tem para si mesmo o plano de sair do seu kibutz natal e vagar por regiões desconhecidas e, preferencialmente, para regiões onde a carga histórica que lhe pesa sobre os ombros não seja tão pesada, tal como pelas regiões do deserto da Jordânia, lugar para o qual ele realmente se refugia, como vemos na segunda parte do romance.

Nessa região, ele fara sua reeducação sobre si mesmo e sobre sua sociedade israelense de índole *kibutziana*. Será nessa região desértica que ele deixará seu cabelo crescer, sua pele escurecer tal qual a pele árabe, e não terá função laboral definida; bem como, e principalmente, acentuará a condição de nomadismo pela qual tanto ansiava em seus embates silenciosos que costuma ter com a comunidade de Granot.

Intergeração, subjetivação diaspórica, e a arte de “viver com”

Amós Oz discute, como é seu hábito narrativo, o encontro e a convivência de gerações diferentes na tessitura da sociedade israelense. Para ele a juventude que surge há de dialogar com os veteranos que estabeleceram os aparelhos vivenciais e relacionais de certo modo de vida.

Percebemos essa dinâmica vital quando o pai de Ionatan lhe indica a tarefa de cuidar da oficina do *kibutz*, enfatizando que qualquer tarefa da comunidade não possui especialização pessoalizada; ou seja, qualquer *kibutznick* deveria estar pronto para aceitar cuidar de qualquer e toda atividade que fosse necessária ao bem-estar coletivo.

No entanto, a resposta do filho não vem ao encontro de tal comprometimento esperado. Vejamos suas observações sobre esse ordenamento: “Olhe”, disse Ioanatan, “olhe, eu simplesmente sinto que esse trabalho não combina comigo. É só isso.” No que o pai discorda, tentando, reeducá-lo:

“Não combina”, disse Iulek, “não sente, sente, não combina, combina, o que é isso, temos aqui um ensemble dramático, será que estamos procurando um ator que combine com o papel de Bóris Godunov? Faça-me um grande favor, quem sabe você me explica de uma vez por todas que história é essa de vocês, combina, não combina, autorrealização, mimos, agrados, caprichos. Que é isso, o trabalho na oficina é uma espécie de



vestido ou de perfume? Eau de Cologne? O que quer dizer ‘não combina’ quando se está falando de um lugar de trabalho, hã?”¹¹

Ionatan não fica convencido com a fala do pai e insiste em manter sua posição sobre seu desejo pessoal e imposição comunitária. E de modo um tanto ponderado, insiste em convencer o pai de que sua vontade também deve ser móvel valorizado numa sociedade em que os princípios dialógicos devem ser levados em consideração, para que a pessoa tenha sua plenitude existencial. Ele segue:

“Olhe”, disse Ionatan, “estou lhe dizendo que isso não é para mim. Não adianta você se irritar comigo. Primeiro, não sou feito para esse trabalho na oficina. É isso mesmo. Segundo, tenho agora, de maneira geral, algumas dúvidas a respeito do meu futuro. E você fica aí discutindo comigo sobre os jovens do Mapai e tudo mais e nem percebe que está chovendo em cima de nós. Olhe aí. Viu, começou a chover.” Iulek entendeu outra coisa.”¹²

A existência da chuva caindo sobre pai e filho minimiza o confronto que, no entanto, não termina por ali. Porém, Iulek seguirá meditando sobre como os novos tempos foram capazes de produzir uma juventude diferente da juventude de sua época como jovem. Para ele, seguir ordenamento coletivizador previamente concordado possui valor mais relevante que o daquela juventude aparentemente ciosa de seus direitos individuais. Vejamos o excerto um tanto cético que terá vazão por toda essa narrativa romanesca:

Tudo em vão. Os maus ventos, os maus espíritos erradicam tudo agora. Arrancam pela raiz. É a ruína dos corações, eu digo. Na cidade. Nas colônias agrícolas. No kibutz. E especialmente, é claro, na juventude. O demônio nos pregou uma peça. Como uma peste adormecida, trouxemos conosco os vírus da diáspora, de lá para cá, e agora, ante nossos olhos, cresce e floresce aqui uma nova diáspora.¹³

O demônio nos pregou uma peça, conclui o Iulek, tendo que vista que sua própria condição de secretário e modelo exemplar para a vida *kibutziana* não fora suficiente para educar sequer os membros mais próximos, como é o caso de seu filho Ionatan. Aqui, o sentido da diáspora se descola das questões puramente geopolíticas e se esvai para o campo da diáspora psicossocial, pois a nova sociedade israelense em sua fase posterior de fundação, produz uma juventude que não se preocuparia, de modo

¹¹ Oz, 2010, p. 7.

¹² Oz. 2010, p. 12.

¹³ Oz, 2010, p. 162.



devoto, a assegurar bem-estar e segurança para a nação recém-criada segundo os moldes pioneiros. Ele segue em suas reflexões:

Com filhos como os meus não se pode fundar uma dinastia. Pelo contrário. Um é enigmático e o outro melancólico. Com passarinhos dentro da cabeça. A Autorrealização, a auto-apalpação, os nervos, as frescuras, o grande mundo, as possibilidades bloqueadas, o diabo sabe o que mais. E aliás, você também deve saber, esses cabelos compridos: como se todos fossem artistas. Toda uma geração de artistas. E todos parecem sonolentos. E ao mesmo tempo, sem paradoxo, doidos por esporte. Quem chutou a bola e quem errou o chute etc. Que grande coisa. Ben-Gurion disse uma vez, como se comprazendo com isso, que nós, pelo jeito, conseguimos transformar poeira humana num povo e fizemos do verme Jacó o cervo Israel. Isso quer dizer que somos a poeira e o verme, e esses, de cabelo comprido, de espírito obtuso, eles são o cervo pelo qual ansiamos e oramos.¹⁴

O contexto da autorrealização, da auto-apalpação, dos nervos, das frescuras, do grande mundo, das possibilidades bloqueadas, o diabo sabe o que mais, produzem fatores pessoais que desconcertam o velho líder, representante da primeira ordem sionista, colocando-o em estado de espanto perante as novas dinâmicas sociais dessa juventude que reclama por um maior campo identitário que valorize aspectos da identidade liberalizante, frente aos sacrifícios egóicos feitos pela geração dos pioneiros. Os esforços e sofrimentos de tantos séculos sentidos pelo povo hebreu parece não terem valor para os novos jovens que ao invés de se preocuparem com a ordem social maior, acabam por se preocupar em realizar seus sonhos pessoais, mesmo que esses sonhos comprometam a ordem inflexível e corajosamente estabelecida.

Em contraponto aos pensamentos e crenças de seu pai, a perspectiva do filho também nos é apresentada em uma densa polifonia¹⁵ produzida por Oz. Para Ionatan, o

¹⁴ Oz, 2010, p. 163.

¹⁵ Amós Oz nos oferece uma narrativa polifônica, na qual temos acesso aos campos mentais de várias personagens de sua diegese. Isso nos propicia uma visão geral das interpessoalidades envolvidas no enredo, sendo que suas vozes possuem equanimidade expressiva e valorativa. Esse fato também nos lembra que o narrador, em tais situações polifônicas, não tenta manter sua perspectiva única e causal. O sentido da expressão empática e dialógica se configura dessa forma. Lembramos nos aqui do teórico da polifonia que é Mikhail Bakhtin. Para ele: “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes



contexto deve ser sentido e vivido de modo multifacetado e, talvez, até mesmo crítico e complementar ao do pai. Para ele:

O tempo todo, em toda a minha vida, eu abro mão e abro mão e já quando eu era pequeno me ensinaram que a primeira coisa é abrir mão, e na turma abrir mão, e nas brincadeiras abrir mão, e ter consideração, e dar um passo ao encontro de, e no Exército e no trabalho e na minha casa e no campo de esportes ser sempre generoso, ser legal e generoso e não criar caso e não perturbar e não insistir mas sim prestar atenção, levar em consideração dar ao próximo dar ao coletivo dar ajuda se atrelar ao objetivo sem ser mesquinho sem contabilizar e o que me resultou de tudo isso resultou que dizem de mim Ionatan é bem legal um rapaz sério com quem se pode falar pode procurá-lo você vai se arranjar com ele ele sabe das coisas um rapaz dedicado um homem simpático mas agora chega. Basta. Acabaram-se as concessões. A partir de agora começa uma nova história.¹⁶

O tema do conflito intergeracional demonstra-se, assim, como dos principais nesse romance de Oz. Os primeiros membros da Geração Sabra estão frente aos seus descendentes que lhes questionam os propósitos de vida outrora estabelecidos. Sendo que o contexto do romance supõe que várias gerações possam conviver em uma mesma época e em no mesmo espaço; ocorrendo em uma plenitude de possibilidades contemporâneas. Acordos e desacordos são, pois, situações nas quais se vive em uma sociedade estratificada também pelo marcador psicossocial que é o da faixa etária. Isso ocorre mesmo que para cada agente social a época se assemelha apenas ao seu próprio universo existencial.

A ideia de situação geracional, e intergeracional, contém segundo Karl Mannheim (1982), a presença de uma constante irrupção de novos portadores de cultura; o fluxo de saída dos antigos portadores da cultura; os limites da participação de uma conexão geracional no processo histórico; a precisão urgente de transmissão constante dos bens culturais acumulados; a continuidade das mudanças geracionais. Tais fatores caracterizam as gerações como processos dinâmicos e interativos em sua importância para compreendermos o fenômeno antropológico e social do que são gerações e intergerações.

Nesse aspecto é importante se compreender a importância dos aportes de novos membros na tessitura social, como ainda no ensina Mannheim:

plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental.” (BAKHTIN, 2010, p. 40).

¹⁶ Oz, 2010, p. 13.



A entrada de novas pessoas obstrui os bens constantemente acumulados, mas também produz inconscientemente nova seleção e revisão no campo do que está disponível; nos ensina a esquecer o que já não é útil e a desejar o que ainda não foi conquistado (1982, p. 532). [...] Estas [unidades geracionais] se caracterizam não só pela livre participação de diferentes indivíduos em vivências coletivas, que, no entanto, adquirem para si o caráter de acontecimentos distintos, mas pela reação homogênea.¹⁷

Diante dessas reflexões sobre geracionalidade e intergeracionalidade de Mannheim, podemos observar que a geração de Ionatan se ressentia de que sua entrada no jogo social não esteja sendo bem recebida pelos pioneiros. Ou seja, novas gerações que chegam e naturalmente convivem com as mais antigas, deveriam ter o poder de também interagir de modo dialético e crítico com o acervo cultural que as recebem e as conformam. O ressentimento e enfrentamento do jovem é constituído, pois, por uma não aceitação, por parte dos membros mais velhos de sua comunidade, das novidades e mudanças que sempre haverão de vir no avanço comunitário. E o jovem insiste em fazer tais cobranças típicas da nova e crítica geração que surge, sendo obrigada a estar inserta, e, também, incerta, no campo social das gerações anteriores:

“Não”, disse Ionatan, “não é isso. São as histórias que nos contavam quando ainda éramos bem pequenos.” “As histórias”, espantou-se Udi, “o que tem as histórias, assim de repente?” “Elas eram exatamente o oposto da vida, isso é o que elas eram. Me traz uns fósforos. Como, por exemplo, naquele ataque aos sírios em Nukieb, você se lembra que deixamos dentro do jipe um soldado sírio morto, matado, com metade do corpo decepado, e o pusemos sentado com as mãos no volante e um cigarro aceso na boca, e demos o fora dali. Você se lembra disso?”¹⁸

No excerto acima vimos como o jovem protagonista cobra um posicionamento ético de seus companheiros intergeracionais sobre um dos tópicos mais delicados do romance que são as contantes guerras entre israelenses e árabes palestinos. Para ele, a manutenção atual do estado não pode mais permitir atitudes combativas que se aproximam de crimes de guerra, que não deveriam ser mais tolerados. A circunstância na qual o cadáver do inimigo é tripudiado, e situações correlatas, já não deve mais ser aceita nos novos tempos de direitos humanos garantidos.

17 Mannheim, 1982, p. 547.

18 Oz, 2010, p. 15.



Certo tipo de coexistência¹⁹ é demandada pelos jovens da extirpe de Ionatan. Para eles há se pensar nos tipos possíveis de se colocar frente aos membros estratificados de sua comunidade. Há de se pensar, então, nos tipos de coexistência possível, seja dentro do mesmo grupo social, seja entre grupos sociais de etnorraça diferentes.

A coexistência, como nos ensina Zygmunt Bauman (2007) nos casos da composição de conjunto com elementos diferentes, causa situações de crise tanto para o indivíduo considerado como estranho, quanto para a organização de coexistência que é colocada frente a frente com o suposto conflito que, se não resolvido, pode lhe causar perturbações pontuais ou até mesmo sistêmicas.

Seguindo com Bauman, tal coexistência apresenta-se como graduada em níveis diferenciados, tais como: a do estar-ao-lado-de, ao estar-com e ao estar-para. Tais níveis são conformados pela possibilidade de comprometimento de um agente social com os demais agentes sociais.

A primeira espécie de coexistência, a do estar-ao-lado-de, possui as relações que seriam semelhantes àquelas nas quais nos vemos juntos com as demais pessoas, mas com as quais não mantemos relações de intimidade e de acordos sólidos em relação à nossa produtividade de capitais variados. O compromisso interpessoal é frágil, como nos casos em que caminhamos no meio de uma multidão por um espaço público qualquer. Vemos as demais pessoas que caminham como nós e ao nosso lado, porém, não somos obrigados a compreender em profundidade quais são seus planos, suas histórias de origem e formação, seus desejos e afins. Assim, torna-se relativamente fácil precaver-nos contra seus comportamentos inesperados, pois tais pessoas que conformam a multidão, pela falta da interação necessária, não nos alterarão as condições vivenciais nas quais acreditamos e estamos inseridos, mesmo que de modo provisório.

A segunda espécie de coexistência é aquela do estar-com, e ela supõe maior proximidade com os demais agentes sociais. As negociações de vida conjunta já se aprofundam mais e nos sentimos na necessidade de conhecer, compreender e interagir com valores, crenças e projetos de vida das pessoas com as quais nos relacionamos, seja de modo temporário ou de modo mais regular. Nosso olhar já é obrigado a abranger um campo maior da vivência com outras pessoas. E esse olhar nos exige também certo respeito em deixar intacto o conjunto de diferenças que perfaz o outro agente que está em nossa perspectiva de diálogo necessário tanto para sua sobrevivência quanto para a nossa.

¹⁹ Também trabalhamos o aparato conceitual de coexistência, sob a ótica de Bauman, em Santana (2017), quando analisamos o filme *A bolha/Ha-Buah*, de Eytan Fox; filme que trata dos encontros beligerantes por um lado, e utópicos por outro, entre israelenses e palestinos na Tel-Aviv contemporânea.



A terceira espécie de coexistência já supõe um grau de simpatia e de empatia no qual somos até capazes de nos despojarmos de nossa individualidade, mesmo que de caráter transversal, para realmente assumir a integralidade constitutiva da pessoa alheia. Bauman nos alerta para o fato de que tal caso é um tanto idealizado, pois supõe o esvaziamento individual em prol do preenchimento em si dos significados constitutivos dos outros com os quais nos relacionamos.

Longe da comunhão mística ou amorosa romântica, tal encontro se daria naquele plano existencial no qual nos encontramos intensamente com outros indivíduos e juntos somos capazes de encontrar uma síntese interpessoal na criação de universos existenciais conjuntos, nos quais confrontos são reduzidos aos níveis mínimos possíveis.

Diante desse arcabouço conceitual da coexistência em Bauman, sabemos que as relações com as outridades, sejam elas do *kibutz*, sejam elas das comunidades remanescentes da diáspora árabe palestina, são vistas por Ionatan como coexistências do “estar-ao-lado-de”. Com todas as suas consequências de falta de densidade cooperativa e empática, para a formulação de contextos de maiores engajamentos interpessoais. Isso ocorre mesmo que a compleição dos *kibutzim* possa demonstrar ser de uma proximidade verdadeiramente cooperativa que estabelece maior proximidade com os demais agentes sociais, sendo um dos caros alvos experienciais do jovem protagonista. É desejo, então, que as negociações de vida conjunta sejam aprofundadas na dinâmica com “viver-com”, dinâmica essa na qual possa se sentir a necessidade de conhecer, compreender e interagir com valores, crenças e projetos de vida das pessoas com as quais se relaciona, seja de modo temporário, no espaço interno, ou de modo fora do contexto da etnorraça própria, mesmo que essa outra etnorraça seja tida como estranha²⁰ e suposta fonte de perigos.

Estratégias pacifistas para para reformas necessárias

A chegada de Azaria Guitlin ao *kibutz* de Granot modifica os planos e a compreensão pessoal e de mundo de Ionatan Lifschitz. Azaria é vítima direta da diáspora israelense, e vindo de Tel Aviv, depois de passar sem rumo por tantos outros lugares para assegurar sua vida, ele chega a Granot com todo um saber de mundo advindo de sua

²⁰ Sobre o contexto do fator que configura o fator estranho, seguimos Bauman, no que ele configura: “Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo - num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória”. (Bauman, 1998, p. 27).



vida otimizadora e de suas leituras de Espinoza e de autores russos que tratam da condição humana libertária e compassiva. Nesse ponto condessa-se o encontro os espaços lisos e estriados, e sua opinião sobre a sociedade e o homem *kibutziano* pode ser vista em:

Só nos kibutzim começam a aparecer tipos mais tranquilos, como dizer, um pouco lentos, não estou querendo Deus me livre ofender vocês, refiro-me a esses que começam a estudar o segredo da vida vegetal e a arte da paz espiritual e se neles tem alguma coisa rudimentar também tem algo rudimentar em, vejamos, nessas oliveiras, por exemplo. [...] Aproximar-se, como se diz, do ritmo do universo: tomem como exemplo essas oliveiras. Tenham como modelo qualquer coisa, a colina, os campos, as montanhas e o mar, os uádis, as estrelas no céu. Não eu, mas Espinoza, já nos propôs isso, numa só palavra: tranquilizar-se.²¹

Aproximar-se da natureza que dá ritmo ao universo ecocrítico, na dinâmica ambiental, mental e social, parece ser dos mais robustos objetivos vivenciais dessa personagem. O poder de contemplação que os territórios *kibutzianos* oferecem ao sujeito social é dos elementos mais básicos para se construir uma sociedade verdadeiramente integrada em seus princípios estratificados e ao mesmo tempo dispostos na coexistência do “estar-com” e no “estar-para”. Quando ele percebe o enfrentamento intergeracional entre os Lifschitz, pai e filho, encaminha-se para a postura libertária do filho, sem, no entanto, desmerecer os benefícios da sociedade que o pai auxiliara a construir. Vejamos o enfrentamento dialético e empático que Azaria é capaz de fazer:

Ou seja, todo mundo é livre. O particular não é propriedade do geral. Não é propriedade dos pais nem propriedade da mulher nem propriedade do kibutz e nem mesmo, perdão por este meu pequeno atrevimento, nem mesmo propriedade do Estado.²²

Dessa forma, Azaria reforça o ideário libertário e supostamente transgressor de Ionatan, demonstrando que as relações intergeracionais podem ser colocadas em discussão dialética, o que ocasiona uma evolução social mantida pelo diálogo respeitoso e, ao mesmo tempo, revolucionário. A revolução dos costumes não precisaria do dismantelamento completo das tradições duramente produzidas e, por vezes, necessariamente mantidas.

A sessão dirigida para esse nomadismo geográfico e existencial de Ionatan é brevemente descrita no romance, sendo que sabemos de suas viagens pelo deserto

²¹ Oz, 2010, p. 150.

²² Oz, 2010, p. 296.



apenas por poucas descrições e relatos sobre seus trabalhos provisórios, seus encontros com pessoas estranhas, seus momentos de leituras variadas, suas relações com as cores regionais dos locais, onde permanece de modo provisório.

É nesse meio, no entanto, que sabemos que sua pele escurecera pelo sol do deserto, aproximando-o da cor etnorracial do mundo árabe, bem como seu cabelo crescera e seu corpo emagrecera. Tal configuração o aproxima do arquétipo do sujeito nômade, figura que lhe impunha instigante fascinação.

Nesse ponto, nos aproximamos de outro grande tema do romance, que diz respeito ao encontro com a outridade árabe que se relaciona de modo bélico com o Estado Israelense. Dessa relação já orgânica, seja de acordos ou de desacordos entre esses povos tão próximos, e, ainda, tão distantes, temos notícias pelo relato que temos do mundo interior de Ionatan, como demonstra o excerto:

Sem que Ionatan soubesse o porquê, veio a seu pensamento a aldeia árabe abandonada, Sheikh-Dahar: como a chuva torrencial devastava à noite os remanescentes dos casebres de barro, devolvendo o pó ao pó, e como cada vez mais se desesperançavam as ruínas das casas baixas de pedra onde não havia ninguém, e nenhum lampejo de luz, e de repente rolava uma pedra frouxa que teimava em se agarrar a outras pedras, e eis que passados vinte anos a pedra finalmente desistira e despencara no chão, no escuro. Não há viva alma nas colinas de Sheikh-Dahar numa noite tempestuosa como esta, nenhum cão vagabundo vagará por lá, nenhum pássaro, e só os assassinos de almas como Bolonezzi, como eu, como Biniamin Trotsky, poderão encontrar refúgio lá. Não há ninguém, só o silêncio e as trevas e esses ventos de inverno e a mesquita decepada que lá está como um toco de árvore retorcido.²³

A vila de Sheikh-Dahar fora destruída pelas duas grandes guerras que antecederam a Guerra dos Seis dias, de 1967. Seus moradores foram lançados em campos de refugiados, como o de Gaza ou o da Cisjordânia, bem como em regiões de nacionalidade árabe, que os acolheram, prometendo-lhe a redenção do retorno em determinada época. Do *kibutz* de Granot se avista as ruínas de Sheikh-Dahar, que existe no plano diegético e factual como *topos* psicossocial que habita fantasias e sonhos de Ionatan durante toda a narrativa romanesca.

²³ Oz, 2010, p. 30.



Tal situação vem desde sua infância, quando a vila palestina ainda estava cheia de vida, e seus habitantes palestinos inclusive mantinha boas relações com sua família, como demonstra o excerto:

Quando eu era criança com sete ou seis anos, veio nos ver o xeque da aldeia, Hadj Abu-Zuheir era seu nome, e veio com três anciãos. Lembro-me da túnica branca dele e das túnicas cinzentas listradas na residência de um só cômodo de meu pai, nas cadeiras pintadas de branco em volta da mesa branca onde cresciam crisântemos numa garrafa de iogurte. Hada ibnach, sorriu o xeque com sua dentadura de espiga de milho, e papai lhe disse: Hada waladi uili khman veachad, Zarir. O xeque tocou minha face com sua mão nodosa e cheia de sulcos, e o cheiro de sua boca e de seu bigode comido pelo tabaco quase tocaram minha testa. Papai mandou-me dizer meu nome e Abu-Zuheir transferiu seus olhos cansados de mim para a estante de livros e dela para papai, que era o mukhtar do kibutz, e lhe disse suavemente, como a cumprir sua modesta parte num ritual de honra, Alah karim ia Abu-Ioni.²⁴

Essa recorrente lembrança nos envia para a temática narrativa que diz respeito às relações com a vizinhança dos *kibutzim*. Sabemos que o novo estado está cercado por territórios palestinos, e que esses territórios oscilam de acordo com os costumeiros embates bélicos entre esses dois povos. Nessa situação, os palestinos são colocados como o fato estranho que geraria inumeráveis contrariedades ao projeto sionista, tendo de ser vigiados e dizimados, quando esse suposto perigo coloca em risco a solidez do estado israelense.

Dessa forma, como haver conciliação com um estado de paz, cujas bordas são mantidas pela suposta destruição de uma outridade, que é tida como estranha de modo permanente? Generosidade e amor, que baseia os planos *kibutzianos* devem ser plenificados apenas entre a comunidade interna de tais formações sociais?

Este é o ponto no qual seguimos Amós Oz transformando seu protagonista em um agente social diferenciado ao final da narrativa. Sua imagem se parecerá, após o nomadismo exposto na segunda parte do romance, como a daquele povo, contra o qual sua comunidade fora educada a combater em qualquer circunstância.

Da consciência franca em relação à predisposição de compreensão sobre o conflito entre os grupos, Ionatan, com o auxílio da ótica humanista e compassiva de Azarias, encaminha-se para a compreensão das modalidades pelas quais os *kibutzim*, e por

²⁴ Oz, 2010, p. 138-139.



extensão, toda a sociedade israelense, pode ter em relação às reformas de seu doutrinário sionista. Que seja um sionismo comedido, movido pela compaixão, empatia e compreensão das outridades que também possuem o direito de possuir suas terras e seus modos de vida respeitados.

Vejos, nesse aspecto, uma das variadas ponderações espinozianas²⁵ de Azarias que influenciará bastante a volta de nosso jovem protagonista ao seu lar, que lhe permitirá aberturas para reformas possíveis e necessárias.

Por fim, é ainda com Azarias que Ionatan aprenderá que a possibilidade de haver justiça entre os seres é um objetivo que pode ser atingido, quando se é dirigido pela compaixão ética e pela virtude da crítica dialógica, onde todos os lados da contenda podem ser ouvidos e respeitados em suas capacidades acionais multifacetadas. Para ele:

Só que na verdade acredito de todo o coração que a justiça existe e que se pode e se deve ser bom, e que o kibutz é uma coisa esplêndida e como um milagre que aconteceu aos judeus depois dos sofrimentos e perseguições e é um milagre que exista um Estado e um Exército e tudo, só que precisamos aprender a nos conciliarmos, eu lhe digo, Ioni, basta nos conciliarmos devagarinho com esta terra boa e com as árvores e as montanhas e a grama e os árabes e com cada lagarto e até com o deserto e com tudo. E nos conciliarmos com a situação. E também um com o outro. Todos nós.²⁶

Dessa forma, Amós Oz no propicia uma potente diegese romanesca capaz de nos estimular a nos questionar sobre como princípios de compaixão e equilíbrios das ecologias ambiental, mental e social são capazes de produzir reformas básicas em projetos pioneiros, que são desenvolvidos pelas novas gerações que ainda convivem com gerações veteranas.

Esse ponto de inflexão, da insurgência para a compaixão, pode ser acompanhado pelos empreendimentos que o novo secretário de Granot, o musicista Scrulik, implementa na comunidade. Comunidade está que recebe de volta o “anti” filho pródigo que é Ionatan. Vejamos esses novos implementos na ordenação da vida *kibutzniana* de Granot:

²⁵ Por espinosiano, temos que tal construto teórico equipara homem e natureza, sendo que o primeiro faz parte ontológica da natureza, havendo uma junção do que é a natureza com o fenômeno absoluto que é D’us. “Deus, isto é, a Natureza”. Um panteísmo que coloca todos os seres existentes em pé de igualdade com o criador

²⁶ Oz, 2010, p. 209.



Quanto a Srulik, o secretário, ele começou a introduzir pequenas mudanças em nossa comunidade: após conversas prévias de convencimento, uma espécie de aradura metódica na opinião pública, conseguiu mobilizar uma maioria na assembleia geral para aprovar proposta de estatuto para viagens de férias ao exterior segundo uma *la* predeterminada: no decurso dos próximos quinze anos todos nós poderemos passear três semanas no imenso mundo. Srulik também fez reviver o comitê da geração jovem. [...] Formou um grupo especial para estudar a viabilidade de criar um empreendimento industrial no kibutz, por ter chegado à conclusão de que pessoas como Udi e Amós e Eitan vão precisar no futuro de um trabalho que seja, como ele diz, de amplo espectro. Mesmo com tudo isso, Srulik não negligenciou seu quinteto de instrumentistas.²⁷

A comunidade renovada encontra novos e práticos meios de coexistência, na qual as diferentes vozes, com seus anseios, são ouvidas, e seus desejos possíveis são atendidos. Há, pois, uma dinâmica de interpessoalidade que perde sua hierarquização rígida, transformando as territorialidades estriadas em novos territórios, nos quais, inclusive as “estranhas” vidas árabes e palestinas possam estar incluídas em dinâmica de compaixão e justiça equânimes.

Considerações Finais:

O romance de Amós Oz está inserto no paradigma dos movimentos pacifistas incorporados pelo histórico movimento *Shalom Arshav/ Peace Now*, tendo Amós Oz como um de seus fundadores, que é uma organização não governamental progressista sediada em Israel, com franquias em todo o mundo. Seu principal objetivo é o de alcançar a paz interna e a externa par Israel.

Este movimento possui grande atuação na influência e no convencimento da opinião pública, e principalmente do governo israelense, a respeito da necessidade da paz como princípio fundamental para a existência do Estado de Israel, bem como sobre a possibilidade de paz equânime e de reconciliação histórica com o povo palestino e com os demais povos árabes.

Um de seus slogans é “Terra por paz”, e isso influencia também na possibilidade concreta da criação igualitária de um Estado Palestino. Sua base é um tanto movida pelo pensamento de Liév Tosltói, quando esse pensador e romancista russo nos pergunta em obra específica: “De quanta terra precisa um homem?”.

²⁷ Oz, 2010, p. 357-358.



Comentamos que o romance *Uma certa paz*, possui duas sessões, sendo que a primeira é intitulada *Inverno* e a segunda, *Primavera*. De modo orgânico, a primeira parte se refere à insurgência de Ionatan contra os ordenamentos arbitrários feitos pela geração pioneira do *kibutzismo* sionista clássico. Sendo que a segunda se refere à jornada nômade na qual o protagonista encontra territórios existenciais nos quais seus antagonismos são reformados por visões dialógicas e dialéticas sobre os contextos contra os quais se insurge.

Do cenário temos um final de conciliação crítica e ainda tensionada, no qual a velha ordem não é desterritorializada por completo, pois grande parte de seu arquivo cultural pode se aproveitado em dinâmica de inclusão da outridade, seja ela interna ao *kibutz*, seja ela externa à sociedade israelense.

Enfim o inverno se foi. As chuvas cessaram, as nuvens se dissolveram, os fortes ventos tornaram-se uma acariciante brisa marinha. Na última semana do mês de março, Srulik já podia se sentar toda tarde em sua pequena varanda e acompanhar com os olhos as revoadas de pássaros no céu avermelhado, na direção do noroeste.²⁸

Dessa forma, tratamos de temas que julgamos relevantes para uma leitura, mesmo que provisória, desse romance de Amós Oz. Ou seja, acompanhamos como a ficção dispôs modos de formação da nação, demonstrando a necessidade das movimentações de fundação para que o estado se fundasse e se consolidasse. Também vimos como as relações intergeracionais entram em desacordo e acordos para a manutenção da herança psicossocial que dá lugar à uma comunidade movida pelo respeito a outridade, buscando permanentemente a justiça equânime entre os povos, sejam eles de que natureza forem.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

COUTO, Américo de Oliveira. *Família e educação da criança nos Kibbutzim israelitas: contributos para o estudo da educação intercultural em meio multicultural e diaspórico judaico*. Lisboa: 2004.

COZER, Raquel. *Uma certa paz. Uma leitura*. In: <https://www.pazagora.org/2010/10/uma-certa-paz-2/>. Acesso em 28 de setembro de 2025.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária.

²⁸ Oz, 2010, p. 352.



2010.

BAUMAN, Zygmunt. *A vida fragmentada: Ensaio sobre moral pós-moderna*.

Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BORDIEU, Pierre. *A reprodução*. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. Trad. de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann São Paulo: Perspectiva, 1987.

BULGARELLI, Waldírio. *O kibutz e as cooperativas integrais*. 3. ed. São Paulo. Livraria Pioneira Editora. 1966.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "1227 — Tratado de nomadologia: a máquina de guerra." In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Tradução J. de Carvalho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte; Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO NO BRASIL, 2003.

MAIA, Cláudia. "O demônio nos pregou uma peça em Uma certa Paz, de Amós Oz". *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. Trad. de Cláudio Marcondes. Org. de Marialice M. Foracchi. São Paulo: Ática, 1982.

NETO. Evandro José dos santos. *Coletivismo e individualidade: representações na literatura Israelense*. Dissertação de Mestrado, USP, 2015. 111p.

OZ, Amós. *Uma certa paz*. Trad. de Paulo Geiger. São Paulo. Cia das Letras, 2010.

PEACE NOW. *Peace Now*. In: <https://peacenow.org.il/en/about-us/who-are-we>. Acesso em 15 de novembro de 2025.

RODRIGUES, Sérgio. "Entrevista. Amós Oz e o poder dos livros: 'Vale a pena tentar'." In: <https://todoprosa.com.br/amos-oz-e-o-poder-dos-livros-vale-a-pena-tentar/>. Acesso em 15 de outubro de 2025.



SANTANA, Jorge Alves. "Mixofilia e mixofobia entre judeus e palestinos em A bolha/Ha-Buah, de Eytan Fox". (2017). *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 11(20), 2017, p. 147-170.

SCHULMAN, Grace. *Summer Reading: Fiction that is Worlds Apart*. In: https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/10/26/home/oz-perfectpeace.html?_r=2. Acesso em 15 de novembro de 2025.

Recebido em: 02/04/2026.

Aprovado em: 30/04/2026.